

# A cena genérica e a produção do espaço associado de um autor enquanto embreantes paratópicos: as cartas privadas de Sigmund Freud

*La scène générique et l'espace associé d'un auteur en tant que des embrayeurs paratopiques: les correspondances privées de Sigmund Freud*

Manuel Veronez<sup>1</sup>

**Resumo:** A partir do quadro teórico-metodológico da Análise do Discurso, sobretudo o *Discurso Literário* (2012), engendrado por Dominique Maingueneau, foi possível sustentar na tese de doutorado duas hipóteses: i) as cartas privadas de autores consagrados do campo literário funcionam como um gênero do discurso e não como um hipergênero; e ii) tais cartas privadas, enquanto uma cena genérica e uma produção do espaço associado desses autores, também funcionam como um embreante paratópico. Assim, com o intuito de desdobrar a pesquisa de doutorado, foi proposto, enquanto projeto de Pós-doutorado, apresentar e consolidar as cartas privadas de autores dos discursos constituintes (enquanto uma cena genérica e uma produção do espaço associado) como um quarto embreante paratópico possível, incluindo-as ao grupo dos embreantes paratópicos proposto por Dominique Maingueneau: o *ethos*, a cenografia e o posicionamento na interlíngua. Neste artigo, será realizada uma das análises propostas no projeto pós-doutoral, a análise das cartas privadas de Freud, um autor consagrado do campo científico.

**Palavras-chave:** Cartas privadas de autores consagrados; cena genérica; espaço associado; embreagem paratópica; discurso científico.

**Résumé:** À travers les travaux de Dominique Maingueneau dans *Le discours littéraire – Paratopie et scène d'énonciation* (2012) j'ai soutenu dans ma thèse de doctorat 2 hypothèses: i) les correspondances privées des auteurs consacrés du discours littéraire fonctionnent en tant qu'un genre du discours pas comme un hypergenre; et ii) ces correspondances privées, en tant qu'une scène générique et un espace associé des auteurs consacrés fonctionnent aussi comme un embrayeur paratopique. De cette façon, en continuant, dans mon projet de post-doctorat, je propose soutenir une nouvelle hypothèse: la scène générique des discours constituants fonctionne en tant qu'un embrayeur paratopique comme l'*ethos*, la scénographie et le positionnement dans l'interlangue abordés par Maingueneau (2012). Alors, dans cet article, pour vérifier ma nouvelle hypothèse, j'analyse donc les correspondances privées de Freud (un auteur consacré du champ scientifique). Après, dans des autres travaux, j'analyserai les correspondances privées des auteurs consacrés des champs religieux et philosophique pour renforcer l'hypothèse en parlé d'ailleurs.

**Mots-clés:** Correspondance privés des auteurs consacrés; scène générique; espace associé; embrayage paratopique; discours scientifique.

## Introdução

Por meio do quadro teórico-metodológico da Análise do Discurso, sobretudo mobilizando a obra *Discurso Literário* (2012), de Dominique Maingueneau, foi possível sustentar na tese de doutorado duas hipóteses: i) as cartas privadas de autores consagrados do campo literário funcionam como um gênero do discurso, não como um

---

<sup>1</sup> Doutor em Estudos Linguísticos (bolsa CAPES) pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), com período sanduíche (bolsa CAPES/PDSE) na Université Paris-Sorbonne (Paris IV). Pós-doutor em Linguística/Análise do Discurso, também pela UFU (bolsa CAPES/PNPD). veronezmanuel@gmail.com.

hipergênero, como afirma Maingueneau em alguns de seus textos a respeito de cartas, em que as generalizava sem distinguir que tipo de cartas seriam (se de pessoas comuns, se de autores de um determinado campo discursivo, se administrativas etc.); e ii) essas cartas privadas, enquanto uma cena genérica (designa o gênero do discurso) e uma produção do espaço associado, funcionam também como um embreante paratópico.

De acordo com Maingueneau (2012), o gênero do discurso é definido como um dispositivo comunicacional sócio-historicamente estabelecido, em que as condições sociais e históricas de produção da enunciação são fatores legitimadores e constituintes dos gêneros, fortemente impostos pela cena de enunciação (c.f. Maingueneau 2008) que os restringe. Entretanto, o hipergênero já é um dispositivo comunicacional em que as condições sócio-históricas são fracas, se restringindo, assim, a questões mais formais e técnicas do gênero, como sua classificação e suas normas de composição.

Na tese<sup>2</sup>, para buscar sustentar as duas hipóteses, foi objetivado analisar o funcionamento da autoria, a constituição da paratopia e as cenografias nas cartas privadas trocadas entre Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade, autores do campo literário brasileiro do início do século XX.

A partir do desdobramento da pesquisa de doutorado, sobretudo a partir de seus resultados, em que foi sustentada as duas hipóteses apresentadas alhures, foi proposto, enquanto projeto de pesquisa pós-doutoral, apresentar e consolidar as cartas privadas de autores (enquanto uma cena genérica e uma produção do espaço associado) dos discursos constituintes propostos por Maingueneau (o literário, o filosófico, o científico e o religioso) como um quarto embreante paratópico possível, incluindo-as ao grupo dos embreantes paratópicos proposto pelo autor, a saber: o *ethos*, a cenografia e o posicionamento na interlíngua.

Nessa perspectiva, a hipótese central do projeto de Pós-doutorado é de que as cartas privadas de autores consagrados dos discursos constituintes, que funcionam como uma cena genérica e uma produção do espaço associado, também funcionam como um embreante paratópico.

Buscando sustentar tal hipótese, foram selecionadas, assim, enquanto *corpus* de análise da pesquisa, cartas privadas de autores dos discursos filosófico, científico e religioso (o discurso literário não foi tratado nesse projeto de Pós-doutorado, porque ele

---

<sup>2</sup> Vide REFERÊNCIAS.

já foi trabalhado na tese de forma mais densa<sup>3</sup>). Além disso, foram percorridos três objetivos específicos, quais sejam: i) analisar como se dá o imbricamento entre as três instâncias constitutivas do funcionamento da autoria (a *pessoa*; o *escritor*; e o *inscritor*) nas cartas privadas de Sêneca, Freud e John Wesley; ii) analisar como se dá a constituição da paratopia nessas mesmas cartas privadas desses mesmos autores; e iii) analisar a emergência e a construção das possíveis cenografias nessas mesmas cartas privadas, que são encenadas no e pelo discurso de cada autor.

Desse modo, em outro artigo submetido para outra revista científica, foi engendrada uma análise das cartas privadas de Sêneca, um autor consagrado do campo filosófico romano do final do século I, com o intuito de buscar sustentar a hipótese central do projeto de Pós-doutorado (já apresentado alhures). Nesse artigo, após as análises, foi afirmado que a hipótese pode ser sustentada, pois é a partir da prática discursiva da troca de cartas privadas que Sêneca legitima e constitui seu estatuto de autor/filósofo, bem como o seu pensamento filosófico, o estoicismo, além de embrear o texto em seu contexto, ou seja, ancorar a prática da troca de cartas privadas ao seu posicionamento discursivo filosófico.

Campos, na “Introdução” do livro *Cartas a Lucílio* (2004), em que também foi o tradutor das cartas privadas de Sêneca nesta obra, contribui para a sustentação da hipótese, pois afirma que é através da troca de cartas a Lucílio que Sêneca busca instruí-lo e ensiná-lo sobre as questões do homem e da natureza conforme seu pensamento filosófico estoico, legitimando, assim, seu estatuto de mestre e filósofo:

Consequentemente Sêneca, numa prática corrente entre os estoicos, utiliza nas suas primeiras cartas todo um arsenal de máximas e reflexões extraídos da obra de Epicuro, que, naturalmente, interpreta depois em sentido estoico, e assim, gradualmente, vai aproximando Lucílio das posições características da Escola. (...) A carta é o veículo por excelência, porquanto Sêneca parte sempre para a sua exposição de um pormenor de natureza muito concreta que utiliza como pretexto para o desenvolvimento de um argumento teórico. (CAMPOS, 2004, p. IX e XIII)

No entanto, para este artigo em questão e para mostrar a relevância da hipótese central do projeto de Pós-doutorado e sua pertinência em relação a uma contribuição epistemológica para os estudos do discurso, serão analisadas as cartas privadas de

---

<sup>3</sup> Além da tese, também foi publicado um artigo em que se apresenta de maneira mais sucinta os resultados da pesquisa doutoral (vide REFERÊNCIAS).

Freud, um autor consagrado do campo científico europeu do final do século XIX e início do século XX.

### **Perspectivas teóricas**

Faz-se mister apresentar o arcabouço teórico que sustentará a análise das cartas privadas de Freud que será realizada adiante, bem como sustentar o corpo geral deste artigo. Assim, nessa perspectiva, é importante apresentar as noções de discurso constituinte, funcionamento da autoria, constituição da paratopia e cenografia.

Os discursos constituintes, segundo Maingueneau (2012), apresentam uma natureza especial de funcionamento em relação aos outros discursos ditos não constituintes. Para o autor, eles pretendem negar a interdiscursividade, alegando não se inter-relacionarem com outros discursos, se reconhecendo, assim, como discursos fontes, de Origem, em que são validados por uma cena de enunciação que autoriza a si mesma. Os discursos constituintes têm a pretensão de afirmar que estão em contato direto com as fontes que os legitimam, não necessitando da inter-relação interdiscursiva. Por exemplo, o discurso literário diz estar diretamente ligado à musa, o filosófico à razão, o científico ao método e o religioso à Deus:

A categoria “discurso constituinte” não é um campo de estudo seguro de suas fronteiras, mas um programa de pesquisas que permite identificar certo número de invariantes, bem como postular umas quantas questões inéditas. (...) Agrupar discursos como o literário, o religioso, o científico, o filosófico implica uma dada função (fundar e não ser fundado por outro discurso), certo recorte das situações de comunicação de uma sociedade (há lugares e gêneros vinculados a esses discursos constituintes) e certo número de invariantes enunciativas. Trata-se, por conseguinte, de uma categoria *discursiva* propriamente dita. (MAINGUENEAU, 2012, p. 60-61, grifos do autor)

Os processos de subjetivação que atuam na criação literária são tão complexos que, segundo Maingueneau (2012), não se pode reduzi-los a uma simples oposição entre escritor (alguém dotado de um estado civil) e enunciador (correlato de um texto). As teorias tradicionais que trabalham com essa tópica, são, para o autor, insuficientes e inoperantes, pois elas não levam em consideração o caráter constitutivo da instituição literária e, desse modo, não conseguem avaliar seu aspecto sistêmico, dinâmico, instável e paradoxal.

De acordo com Dominique Maingueneau (2012), a palavra “escritor” (*écrivain*) é problemática, pois pode designar, ao mesmo tempo, uma profissão (a do escrivão) e/ou uma figura associada a uma obra. A palavra “autor”, por sua vez, já referenciaria uma condição social ou alguém que seria a fonte e o garante da obra. Entretanto, há também a noção de “enunciador”, que não é de uso comum. Segundo o autor, ela é um conceito linguístico recente e seu valor permanece ainda instável, podendo ser uma instância interior ao enunciado (como afirmava Ducrot (1972), por exemplo) ou um simples locutor, aquele que produz o discurso:

A problemática da enunciação, de qualquer maneira, desestabiliza as tópicos que opõem simplesmente aquilo que releva do texto e aquilo que releva de um “fora do texto”. (...) Na construção de uma cena de enunciação, a legitimação do dispositivo institucional, os conteúdos manifestos e a relação interlocutiva se entrelaçam e se sustentam mutuamente. (MAINGUENEAU, 2012, p. 135)

O autor francês, assim, afirma que quaisquer que sejam as formas de subjetivação do discurso literário, não se pode conceber sujeito biográfico e sujeito enunciador como duas entidades sem comunicação. Nessa perspectiva, Maingueneau (2012) propõe distinguir três instâncias, ao invés de duas: a instância da *pessoa* (é o dado íntimo, biográfico do autor), a instância do *escritor* (é a trajetória desse autor na instituição literária que o legitima e que ele, por sua vez, busca também legitimá-la) e a instância do *inscritor* (o modo como o autor implica o gênero do discurso e as cenografias que mobiliza):

Se desfizemos sua junção, cada anel revela ser aquilo por meio de que os outros se sustinham: como viver se não se vive da maneira que convém para ser um dado escritor que vai ser o inscritor de uma dada obra? Como desenvolver estratégias no espaço literário se não se vive de modo a ser o inscritor de uma obra? Como ser o inscritor de uma obra se não se enuncia através de um certo posicionamento no campo literário e um certo modo de presença/ausência na sociedade? (MAINGUENEAU, 2012, p. 137)

Essas instâncias não se apresentam em sequência, não há, em primeiro lugar, a *pessoa* (passível de uma biografia), em segundo, o *escritor* (ator do espaço literário) e em terceiro, o *inscritor* (sujeito da enunciação). Para Maingueneau (2012), essas instâncias são atravessadas umas pelas outras, cada uma delas sustenta as outras duas e vice-versa, em um processo recíproco que dispersa e concentra o criador. As três instâncias constitutivas do funcionamento da autoria não se isolam, pois é na inter-relação

que elas dão condição ao desencadeamento do processo de criação: rompendo-se com uma das três instâncias, as duas outras sucumbem-se, uma vez que é através do *inscritor* que a *pessoa* e o *escritor* enunciam; é através da *pessoa* que o *inscritor* e o *escritor* vivem; e é através do *escritor* que a *pessoa* e o *inscritor* traçam uma trajetória no espaço literário.

Uma outra questão: Maingueneau (2012), buscando negar a ideia dicotômica de texto literário *versus* texto não literário, afirma que as produções de todo autor se vinculam a dois espaços indissociáveis, mas que não estão no mesmo plano: o espaço canônico e o espaço associado. O espaço canônico é basicamente toda a produção literária *stricto sensu* de um autor (seus romances, poemas, contos, crônicas etc.). Já o espaço associado, por sua vez, são as produções de um autor em que ele comenta sua obra canônica (suas cartas privadas, publicações em jornais e revistas, entrevistas etc.).

No entanto, esse espaço associado, segundo Maingueneau (2012), não pode ser concebido como equivalente à ideia de “paratexto” desenvolvida por Genette (1987), mas sim a um espaço de produção cujas obras produzidas buscam comentar e interpretar as obras ditas “canônicas”, para legitimá-las e constituí-las no interior do campo literário.

Em relação à paratopia, de acordo com Dominique Maingueneau (2012), ela constitui e legitima a literatura (como um todo) e o autor (criador). Todo escritor só se torna, de fato, um criador, ao assumir sua condição paratópica. A paratopia está diretamente relacionada ao processo criador. O escritor não tem lugar determinado para se estabelecer, mas precisa negociar incessantemente um impossível lugar de adesão, uma vez que se constitui através da sua impossibilidade de obter uma topia (um lugar institucionalizado).

A eterna negociação do autor (criador) entre o lugar e o não lugar é sempre difícil, o que dá condições de criação a ele. A paratopia do autor, afirma Maingueneau (2012), está relacionada ao espaço literário e à sociedade. Todo escritor tem um modo singular de gerir seu posicionamento no interior do campo literário. A paratopia é um pertencimento paradoxal, ela não é nem condição inicial nem condição final, mas o processo, pois só existe paratopia ao se mobilizar atividade criadora e enunciação:

Esse pertencimento paradoxal que é a “paratopia” não é origem nem causa, e menos ainda uma condição: não é necessário nem suficiente ser reconhecidamente marginal para ver-se tomado por um processo de criação. (...) Chateaubriand pode muito bem ser um aristocrata do Antigo Regime, que não tem lugar num mundo que vem da Revolução, mas não tem nenhuma necessidade disso para organizar uma criação em torno

dessa tensão, que só se mostra paratópica posteriormente.  
(MAINGUENEAU, 2012, p. 109)

A paratopia é do autor, mas ela só é criadora quando relacionada à figura do insustentável. A enunciação literária é justamente a negociação desse insustentável, dessa impossível tentativa de inscrição do autor na sociedade e no espaço literário que o circunscrevem. O escritor precisa escrever (criar) para legitimar sua situação paratópica, pois ele se encontra dentro e fora desse mundo. É no processo de criação que o escritor precisa apresentar sua condição insustentável, seu jogo de pertencimento e não pertencimento em uma topia. Maingueneau (2012) afirma que o escritor preserva sua paratopia escrevendo (produzindo). A paratopia criadora do autor é, ao mesmo tempo, a condição e o produto de uma criação.

Ao abordar sobre a embreagem paratópica, por sua vez, Maingueneau (2012, p. 121) afirma que a relação entre texto e contexto se funda num dado constitutivo da enunciação literária: a obra precisa apresentar, no próprio mundo que constrói, suas condições de enunciação e seu caráter insustentável, paratópico. Pode-se falar, assim, “de uma espécie de embreagem do texto sobre suas condições de enunciação e, em primeiro lugar, sobre a paratopia que é seu motor”.

Assim, o termo embreagem, que Maingueneau (2012) recupera da linguística, implica a consideração de um ou mais elementos linguísticos que inscreveriam no enunciado suas relações com a situação de enunciação. São, desse modo, denominados embreantes os elementos que participam, ao mesmo tempo, da língua e do mundo, ou seja, são signos linguísticos que adquirem determinado valor por meio do evento enunciativo que os produz. A partir dessa noção de embreagem linguística, o autor apresenta sua proposição de uma embreagem paratópica, a se ver: elementos de variadas ordens que participariam, ao mesmo tempo, do mundo criado pela obra e da situação paratópica do autor, que é condição e produto da criação literária.

Maingueneau (2012), analisando algumas obras literárias de alguns autores franceses e ingleses, como Victor Hugo, La Fontaine, Flaubert, Shakespeare etc., apresenta a relação ambivalente entre autor e personagem paratópica, na busca de legitimar a noção de embreagem paratópica que mobiliza. Porém, ele explicita que a embreagem paratópica não funciona apenas por meio de uma única personagem, a embreagem paratópica precisa ser vinculada às relações na qual entra. Maingueneau (2012) ainda destaca que a embreagem paratópica também opera através de lugares:

sejam em aspectos geográficos (uma maior distância), sejam em eventos mais locais, como o caso dos salões da Monarquia. A embreagem paratópica da obra de um escritor opera num mundo que seria insustentável, estranho.

Um dos exemplos apresentados por Maingueneau (2012), para melhor explicitar a embreagem paratópica, são as fábulas de La Fontaine. Estas fábulas, a partir da conjuntura sócio-histórica que as circunscreve, constituem a paratopia do autor na figura do parasita, que engendra um pertencimento insustentável: o parasita é aquele sustentado e protegido pelos mais importantes da sociedade. Todas as suas obras, como gratidão à proteção, são dedicadas aos mais elevados, dentre estes, em primeiro lugar, o rei. Segundo o autor, há várias fábulas de La Fontaine que põem em cena o parasita: “O rato da cidade e o rato do campo”; “O rato que se retirou do mundo”; “A ostra e os litigantes”, “A cigarra e a formiga” etc.

O drama da enunciação e os dramas representados na narrativa se sustentam e se desestabilizam reciprocamente. Ao evocar os parasitas, as Fábulas falam também dos coletores de impostos ou dos grandes senhores, mas sua enunciação extrai sua acuidade e sua própria necessidade do fato de estar ela mesma sujeita a um parasitismo constitutivo, o do próprio autor. (MAINGUENEAU, 2012, p. 124)

Por fim, a cenografia, em que Maingueneau a define como sendo a cena de fala construída no/pelo texto. A cenografia não é uma simples decoração, não se trata somente de uma questão de estilística linguística, ela é um aspecto legitimador da enunciação, da construção do texto, mas também é legitimada por essa mesma enunciação. Em outras palavras, o enunciador instaura, através de sua enunciação, a situação, o mundo a partir do qual ele pretende “mostrar-se” e, ao mesmo tempo, legitimar sua enunciação. A cenografia se apoia, especificamente, nesse tipo de funcionamento.

Desse modo, para o autor, uma cenografia só se desenvolve plenamente se o locutor puder controlar seu desenvolvimento. Em um enunciado monológico, por exemplo, Maingueneau (2015) afirma que o locutor tem domínio de todo o processo enunciativo, o que dá a possibilidade de construção de cenografias mais ou menos estáveis, “duras” (rígidas) e controladas, o que não acontece nos diálogos, em uma interação oral, por exemplo, em que os locutores (participantes) não conseguem impor, manter, nem controlar uma mesma cenografia ao longo de todo o processo de interação oral no qual estão envolvidos. Isso se dá devido às situações enunciativas imprevisíveis

às quais os interlocutores precisam reagir instantaneamente e espontaneamente (no caso da interação oral).

No texto “Cenografia epistolar e debate público”, Maingueneau (2008) afirma que a cenografia é um tipo de “armadilha” para o leitor, pois, se a cenografia for bem explorada, o leitor receberá o texto como sendo o texto encenado pela cenografia e não como o texto previsto pela cena genérica em si. Nesse sentido, a escolha da cenografia não é alheia nem indiferente, pois o discurso, posicionando-se a partir de sua cenografia, pretende convencer instituindo a cena de enunciação que o legitima. Segundo o autor, o discurso impõe sua cenografia desde o início, mas, ao mesmo tempo, é através de sua própria enunciação que ele poderá legitimar essa mesma cenografia:

Em uma cenografia associam-se uma figura de enunciador e uma figura correlata de coenunciadores. Esses dois lugares supõem igualmente uma *cronografia* (um momento) e uma *topografia* (um lugar), das quais pretende originar-se o discurso. Trata-se de três polos indissociáveis: em certo discurso político, por exemplo, a determinação da identidade dos parceiros da enunciação (“os defensores da pátria”, “cidadãos honestos”, “administradores competentes”, “excluídos” etc.) está em sintonia com a definição de um conjunto de lugares (“a França eterna”, “o país dos Direitos do homem”, “a encruzilhada da Europa”, “a Europa cristã” etc.) e com *momentos de enunciação* (“um período de crise profunda”, “uma fase de mutação econômica” etc.) a partir dos quais o discurso pretende ser proferido, de modo a fundar seu direito à palavra. (MAINGUENEAU, 2008, p. 117-118, grifos do autor)

## Análise

Percorrendo os três objetivos específicos propostos, será engendrada, nesse momento, a análise das cartas privadas de Freud, com o intuito de sustentar a hipótese central já apresentada alhures.

Sigmund Freud, um autor consagrado do campo científico europeu do final do século XIX e início do século XX, foi um médico neurologista e psiquiatra precursor da psicanálise. Suas pesquisas iniciais estão relacionadas ao tratamento de pacientes com histeria e sua hipótese foi a de que a causa da histeria era psicológica e não orgânica. Tal hipótese serviu de base para outros conceitos desenvolvidos, como o de neurose e o de inconsciente, por exemplo.

Em relação à análise do funcionamento da autoria nas cartas privadas de Freud, é importante ressaltar que as três instâncias constitutivas desse funcionamento (a

*pessoa*, o *escritor* e o *inscritor*) não se dão de forma estanque nos enunciados das cartas, em que poderiam ser percebidas apenas em excertos específicos. Desse modo, essas três instâncias são constitutivas das enunciações que dão condições à produção dessa prática de trocas de cartas privadas pelo autor, atravessando, assim, todos os enunciados produzidos. Porém, para a análise, como forma de apresentação desse funcionamento da autoria, serão escolhidos trechos dessas cartas privadas que evidenciam com mais clareza tal funcionamento.

A instância da *pessoa* atravessa todo o processo enunciativo das cartas privadas de Freud, assim como todas as outras duas instâncias (que também atravessam mutuamente a instância da *pessoa*), como afirmado anteriormente e como propõe Maingueneau (2012) em sua abordagem teórico-metodológica da Análise do Discurso Literário.

Desse modo, é possível observar nas cartas privadas de Freud a emergência de sua vida íntima, ou seja, o funcionamento da instância da *pessoa*, pois o autor apresenta ao seu destinatário ações do seu cotidiano. Na carta de 10 de julho de 1893, o autor enuncia sobre suas férias: “De qualquer modo, passarei o breve período das férias em Reichenau, com meus filhotes, que é o que mais me diverte” (FREUD, 1986, p. 51); na carta de 30 de janeiro de 1901, enuncia sobre suas questões financeiras: “Este ano, tenho três a quatro sessões a menos por dia e, portanto, sinto-me muito melhor, mas sofro de um certo mal-estar financeiro” (FREUD, 1986, p. 435); na carta de 22 de junho de 1894, enuncia sobre seus esforços para deixar de fumar:

Não tenho fumado há sete semanas, desde o dia de sua proibição. A princípio, como era esperável, senti-me abusivamente mal. Sintomas cardíacos acompanhados de depressão branda, além do terrível sofrimento de abstinência. Este último se dissipou depois de aproximadamente três semanas, enquanto a primeira cedeu após cerca de cinco semanas, porém deixando-me completamente incapaz de trabalhar, derrotado. Decorridas sete semanas, apesar de minha promessa a você, recomecei a fumar. (FREUD, 1986, p. 84)

Enuncia também sobre si, sua mulher e seus filhos:

Meus filhos estão esplêndidos agora; apenas Mathilde me preocupa um pouquinho. Minha mulher está bem disposta e animada, mas não estou satisfeito com sua aparência. O problema é que estamos prestes a ficar velhos, um pouco prematuramente para os pequerruchos. (FREUD, 1986, p. 86)

Nas cartas a seguir, respectivamente, de 28 de dezembro de 1887, 7 de agosto de 1894 e 19 de setembro de 1901, é possível também observar o funcionamento da instância da *pessoa*, pois, em seus processos enunciativos, o autor apresenta, íntima e confidentemente, o início, a intensificação e depois o declínio da sua amizade com Wilhelm Fliess, com quem engendrou a prática discursiva da troca dessas cartas privadas:

[i] Sua carta cordial e seu magnífico presente despertaram em mim as mais prazerosas recordações, e o sentimento que vislumbro por trás desses dois presentes de Natal enche-me de expectativas de um relacionamento estimulante e mutuamente satisfatório entre nós no futuro. (...). [ii] Parto para Salzburgo amanhã cedo. Lá me encontrarei com minha mulher e minha cunhada, que planejam visitar a mãe em Reichenhall, e na sexta-feira, sábado ou domingo, espero estar com você. Não posso ser mais preciso, pois ainda não é certo se levarei ou não minha mulher comigo para Munique. Estou realmente ansioso por revê-lo. Se tiver notícias para mim antes disso, por favor, use este endereço: Salzburgo, entrega geral. (...). [iii] Talvez você tenha sido apressado demais em desistir de mim como confidente. Um amigo que tem o direito de contradizer e que, por sua ignorância, dificilmente se tornaria perigoso, não deixa de ter valor para alguém que trilha rumos tão obscuros e que se associa com tão poucas pessoas, todas as quais o admiram incondicional e acriticamente. A única coisa que me magoou foi outro mal-entendido em sua carta: o de você ter ligado minha exclamação “Mas você está minando todo o valor de meu trabalho!” com minha terapia. Nesse contexto, eu realmente não estava pensando em encobrir falhas! Estava lamentando perder minha “única plateia”, como a denominou nosso Nestroy. (FREUD, 1986, p. 16, 89 e 451)

A instância do *escritor* também atravessa todo o processo enunciativo das cartas privadas de Freud, assim como todas as outras duas instâncias. Por esta razão, observa-se também nessas cartas, o funcionamento da instância do *escritor*, isto é, a emergência da trajetória do autor no interior da instituição científica, em que ele busca constituir e legitimar seu posicionamento psicanalítico no interior do campo científico europeu do final do século XIX e início do século XX. Paradoxalmente, o seu posicionamento também busca legitimar e constituir o funcionamento da instituição científica.

Na carta de 30 de maio de 1893, é possível observar o funcionamento da instância do *escritor*, pois o autor enuncia, dentre outras coisas, sobre suas pesquisas a respeito das neuroses relacionadas à sexualidade. É por meio da prática discursiva da troca de cartas privadas que Freud consegue apresentar e discutir suas pesquisas, antes de elas

serem publicadas oficialmente em livros e apresentadas em congressos. Com tal prática, Freud consegue legitimar e constituir seu posicionamento, pois ao enunciar suas pesquisas em cartas, ele pretende, por meio do processo de enunciação e de produção delas, se mostrar enquanto um pesquisador da área e além, se mostrar como alguém que engendra descobertas ainda inéditas no interior da comunidade científica em que busca sua inscrição:

Vejo uma boa possibilidade de preencher mais uma lacuna na etiologia sexual das neuroses. Creio compreender as neuroses de angústia das pessoas jovens, presumivelmente virgens, que não foram submetidas a abusos. Analisei dois casos desse tipo; havia um *pavor presciente* da sexualidade e, por trás dele, coisas que as pessoas tinham visto ou ouvido e entendido mal — portanto, a etiologia é puramente emocional, mas, mesmo assim, de natureza sexual. (FREUD, 1986, p. 49, grifos do autor)

Em carta de 8 de dezembro de 1895, a seguir, é possível observar também o funcionamento da instância do *escritor*, pois Freud enuncia sobre a redefinição das neuroses. É no processo enunciativo e de produção de tal carta que o autor, uma vez mais, consegue legitimar e constituir seu posicionamento, afirmando ao seu interlocutor, por meio de sua pesquisa e sua metodologia científica, que o conflito da histeria é entre o prazer e o desprazer, contrastando, nesse momento, a histeria com as ideias obsessivas, como pensava ser anteriormente. Freud busca se legitimar e se constituir enquanto autor da instituição científica onde pretende ter sua inscrição (sempre difícil), percorrendo-a, dentre outras maneiras, através da prática da troca de cartas privadas, que, ao legitimar seu estatuto de autor, tal estatuto também o legitima a produzir e a apresentar sua ciência por meio da enunciação das cartas:

Será que já lhe escrevi que as ideias obsessivas são invariavelmente *recriminações*, ao passo que, na raiz da histeria, há sempre um *conflito* (prazer sexual, ao lado, possivelmente, de um desprazer concomitante)? Essa é uma nova maneira de expressar a solução clínica. Agora mesmo, tenho alguns belos casos mistos das duas neuroses e espero obter deles revelações mais íntimas sobre o mecanismo essencial envolvido. (FREUD, 1986, p. 155, grifos do autor)

Em outra carta, de 15 de março de 1898, o funcionamento da instância do *escritor* também é evidente, pois Freud enuncia, por exemplo, sobre a produção do seu livro a respeito da interpretação dos sonhos. Suas cartas, enquanto uma produção do seu

espaço associado, buscam também legitimar suas produções do espaço canônico, comentando-as, como os livros e os artigos em que ele publica suas pesquisas. Seu espaço associado legitima e constitui, assim, seu posicionamento e seu estatuto de autor e produtor de obras, pois é por meio da prática discursiva da troca de cartas privadas e das condições sócio-históricas de produção que legitimam sua enunciação, que o autor consegue expor e comentar suas pesquisas inéditas:

Ocorreu-me a ideia de que talvez lhe agradasse ler meu estudo sobre os sonhos, mas que você é discreto demais para pedi-lo. É desnecessário dizer que eu o teria enviado a você antes de mandá-lo para o prelo. Entretanto, já que ele tomou a sofrer uma paralisação, bem posso remetê-lo a você em fragmentos. Eis algumas explicações sobre eles. Este é o segundo capítulo. O primeiro, sobre a literatura, ainda não foi escrito. Será seguido por: 3. O Material Onírico; 4. Sonhos Típicos; 5. Os Processos Psíquicos no Sonho; 6. Os Sonhos e as Neuroses. Voltarei aos dois sonhos aqui descritos em capítulos posteriores, onde será concluída a interpretação ainda incompleta deles. (FREUD, 1986, p. 304-305)

A instância do *inscritor* também atravessa todo o processo enunciativo das cartas privadas de Freud, assim como todas as outras duas instâncias, que também atravessam mutuamente a instância do *inscritor*. Dessa maneira, observa-se, nessas cartas privadas, a emergência do modo como ele implica a mobilização do gênero carta privada com as possíveis cenografias construídas nas e pelas cartas.

Assim sendo, Freud se vale, em suas cartas privadas, do entusiasmo, de expressões lúdicas e metafóricas e de referências como uma forma de posicionar-se em relação às instâncias do gênero e do texto, assumindo ser a expressão eufórica, descontraída e a referência adequadas ao gênero/texto por meio do qual enuncia. Nas cartas de 10 de julho de 1893 e 21 de setembro de 1897, respectivamente, a seguir, é possível evidenciar o entusiasmo sobre suas pesquisas, parcerias e descobertas científicas, o que garante a legitimação do seu estatuto de autor e pesquisador, pois ele busca, com tal atitude entusiasta, a partir do seu posicionamento, se afirmar como um exímio pesquisador do campo científico:

Em primeiro lugar, espero que você explique o mecanismo fisiológico de minhas descobertas clínicas, através de sua abordagem; em segundo, quero preservar o direito de lhe mostrar todas as minhas teorias e descobertas sobre as neuroses; em terceiro, continuo a encará-lo como o messias que, através de um aperfeiçoamento da técnica, irá solucionar

o problema que assinaiei. (...). Nosso trabalho sobre a histeria recebeu, afinal, o devido reconhecimento por parte de Janet, em Paris. (...). Se eu estivesse deprimido, confuso e exausto, essas dúvidas certamente teriam que ser interpretadas como sinais de fraqueza. Já que me encontro no estado oposto, preciso reconhecê-las como o resultado de um trabalho intelectual honesto e vigoroso e devo orgulhar-me, depois de ter ido tão a fundo, de ainda ser capaz de tal crítica. (FREUD, 1986, p. 51 e 266)

Em cartas, a seguir, respectivamente, de 20 de agosto de 1893, 21 de maio de 1894 e 15 de março de 1898, Freud enuncia por meio de expressões lúdicas e metafóricas acontecimentos do seu cotidiano e dos seus estudos psicanalíticos.

É por meio de alusões jocosas, como o uso de uma expressão estrangeira (“*tournée*”) para dizer em tom de brincadeira que visitara um amigo e que vivenciara um exemplo de psicologia doméstica, por meio de metáforas para referir à sua mulher e aos seus filhos, como “galinha” e “pintinhos”, no intuito de dizer sua necessidade de escrever cartas, e por meio de expressões populares, como “cavalo de tálburi”, para dizer que está trabalhando muito, que Freud busca legitimar seu posicionamento psicanalítico e seu estatuto de autor e pesquisador no interior do campo científico Europeu de sua época, pois o modo subjetivo como ele implica sua relação entre o gênero carta privada e as cenografias encenadas (uma espécie de apresentação de suas produções científicas) mostra que só seria possível através da prática discursiva da troca de cartas e da maneira como ele enuncia nas cartas, e não de outra forma, a legitimação de suas produções, apresentação de seus estudos e pesquisas e se mostrar enquanto um autor, aquele que produz ciência para sua comunidade científica:

Assim, eis aqui um exemplo de psicologia doméstica: passei os dias 18 e 19 numa *tournée* complicada pelo Monte Rax e ao redor dele, com meu amigo Rie, e estava animadamente sentado, ontem, no novo chalé da montanha, quando, de repente, entrou no aposento uma pessoa completamente ruborizada pelo calor do dia, para quem olhei inicialmente como se fora uma aparição e que, a seguir, tive de reconhecer como minha mulher. (...). Amanhã mandarei a galinha e os cinco pintinhos para Reichenau e, na triste solidão subsequente — minha cunhada Minna, que é minha outra confidente mais próxima, partirá duas semanas depois —, porei mais frequentemente em prática minha decisão de, pelo menos, escrever-lhe. (...). No momento atual, estou simplesmente embotado; durmo em minhas análises vespertinas; (...). Assim, continuo a trabalhar como um cavalo de tálburi, como costumamos dizer em Viena. (FREUD, 1986, p. 53, 73 e 304)

Freud, em cartas, a seguir, de 20 de agosto de 1893, 21 de setembro de 1897 e 12 de junho de 1900 enuncia por meio da referência de obras de outros autores de diferentes campos discursivos para também descrever acontecimentos relacionados à sua pesquisa e à sua vida íntima. O autor, assim, em suas cartas, cita outros autores consagrados para legitimar, em seu processo enunciativo, suas próprias produções canônicas, pois seria uma tentativa de Freud de percorrer um trajeto na instituição científica em busca de obter um estatuto de autor, ao citar, comentar e criticar outros autores renomados produtores de obras também importantes em seus campos discursivos. Freud, dessa forma, mobiliza a referência de obras de outros autores, na sua troca de cartas, como forma de explicitação e de referência de seus próprios trabalhos, buscando, assim, legitimá-los:

No mais, a etiologia das neuroses me persegue por toda parte, tal como a canção de Marlborough acompanha o viajante inglês. (...). Bem, continuando minha carta. Modifico a afirmação de Hamlet, “Estar preparado”, para: estar alegre é tudo! A rigor, eu poderia estar muito descontente. (...). Tudo dependia de a histeria funcionar bem ou não. Agora, posso voltar a ficar sossegado e modesto e continuar a me preocupar e a economizar. Ocorre-me uma historinha de minha coleção: “Rebeca, tire o vestido; você não é mais noiva nenhuma.” (...). Mas, quando leio os livros mais recentes de psicologia (*Analyse der Empfindungen*, de Mach, 2.<sup>a</sup> ed., *Aufbau der Seele*, de Kroell, e similares), todos os quais têm uma orientação semelhante à de meu trabalho, e vejo o que eles têm a dizer sobre o sonho, fico realmente satisfeito, como o anãozinho do conto de fadas, porque “a princesa não sabe.” (FREUD, 1986, p. 54, 267 e 418, grifos do autor)

A constituição da paratopia de Freud, por sua vez, é também constitutiva e legitimadora do processo produtivo dessas cartas privadas, assim como essas cartas privadas (enquanto um gênero do discurso, um espaço associado e uma prática discursiva desse autor em questão) também constituem e legitimam o seu próprio processo produtivo, em um movimento, segundo Maingueneau (2012), paradoxal. Vejamos essa constituição a seguir.

Freud, em suas pesquisas, esmiuçava incessantemente as consequências psicológicas das experiências sexuais primitivas de seus pacientes e isso não era bem recebido pelos seus colegas de medicina, psicólogos e pesquisadores mais conservadores, o que o levou a um isolamento (a sua paratopia), pois era incompreendido pelos seus pares. Pode-se, assim, caracterizar sua paratopia em dois tipos, a paratopia

espacial e a paratopia temporal: “meu lugar não é meu lugar” e “meu tempo não é meu tempo” (c.f. Maingueneau, 2012).

Desse modo, Freud, em suas cartas, a seguir, de 26 de abril de 1896, 4 de maio de 1896, 11 de março de 1900 e 3 de março de 1901, respectivamente, enuncia o seu caráter insustentável, o seu isolamento da comunidade científica da época, dentre outras questões, pois é por meio da enunciação das cartas que o autor cria o mundo ao qual apresenta sua condição paratópica, ou seja, é através da prática discursiva da troca de cartas e de seu próprio processo produtivo que Freud expõe seu isolamento da comunidade científica, tanto por parte de si quanto por parte de seus pares; a não aceitação de suas pesquisas por parte da comunidade científica, que as criticou ferrenhamente; o seu trabalho sem parcerias e reconhecimentos (sem um lugar aparente) devido ao seu isolamento; e suas obras legadas ao esquecimento, pois houveram poucas citações. Em outras palavras, Freud manifesta, no processo produtivo de suas cartas privadas, a sua impossível e difícil negociação em se inscrever entre o espaço científico e a sociedade que o circunscrevem, a sua paratopia, a condição e o produto, ao mesmo tempo, dessas cartas:

Dentre todos os conselhos que você me deu, segui à risca o que se referia a meu isolamento (...). Ainda não estive com Breuer e desisti de reclamar. Uma palestra sobre a etiologia da histeria, feita na Sociedade de Psiquiatria teve uma recepção gélida por parte daqueles imbecis e recebeu uma estranha avaliação de Krafft-Ebing: “Parece um conto de fadas científico.” E isso depois de se ter demonstrado a eles a solução de um problema de mais de mil anos, uma *caput Nihil!* Pois que vão para o inferno, para expressá-lo eufemisticamente. (...). Estou trabalhando na psicologia, vigorosamente e na solidão; (...). Estou tão isolado quanto você desejaria. Alguém deu instruções para que eu fosse abandonado, pois um vazio está-se formando a meu redor. Até aqui, tenho suportado isso com equanimidade. (...) Fui praticamente isolado do mundo exterior; nem uma folha se agitou para revelar que *A Interpretação dos Sonhos* teve qualquer impacto sobre qualquer pessoa. Só ontem é que um artigo bastante amistoso, no suplemento literário de um jornal, o *Wiener Fremdenblatt*, me apanhou de surpresa. (...) Não farei nenhuma outra tentativa de romper meu isolamento. No mais, este é um período muito sombrio, extraordinariamente sombrio! (FREUD, 1986, p. 184, 185, 186, 403, 404 e 439, grifos do autor)

Por fim, já em relação às cenografias construídas nas e pelas cartas privadas de Freud, é possível observar uma mescla entre cenografias endógenas e exógenas, ou seja, respectivamente, cenografias que estão mais próximas da rotina genérica de uma

carta privada (de tom mais intimista) e cenografias que estão mais distantes da rotina genérica de uma carta privada (para além de uma carta íntima).

Desse modo, todas as cenografias construídas nas e pelas cartas privadas de Freud legitimam e constituem seu processo enunciativo, sua prática discursiva e, conseqüentemente, seus enunciados, assim como todos estes fatores também legitimam e constituem as cenografias construídas, pois é através das encenações de relatos de afazeres do cotidiano e da intimidade do autor e das encenações de um debate científico; de uma apresentação dos resultados de uma pesquisa em um congresso; da problematização dessa pesquisa e da sua metodologia para a comunidade científica etc., que Freud busca forjar sua identidade criadora (seu estatuto de autor/pesquisador) e legitimar suas produções do espaço canônico e associado no interior do campo científico europeu do final do século XIX e início do século XX.

É possível, assim, observar a construção das cenografias endógenas na carta de 26 de abril de 1896, pois é evidente a encenação de relatos de afazeres do cotidiano e da intimidade do autor:

Annerl produziu hoje o primeiro dentinho, sem nenhum mal-estar; Mathilde tem passado incomparavelmente melhor desde que foi retirada da escola. Oliver, numa excursão recente na primavera, perguntou, com muita seriedade, porque o cuco está sempre a gritar seu próprio nome. Espero que R.W. não leve tanto tempo assim para descobrir o segredo da atribuição de nomes. (FREUD, 1986, p. 185)

Para as cenografias exógenas, em que se percebe a encenação de um debate científico; de uma apresentação dos resultados em congressos; da mobilização da metodologia e dos problemas de uma pesquisa etc., temos os seguintes excertos das cartas privadas de Freud de 30 de maio de 1896 e 4 de janeiro de 1898, respectivamente:

Como fruto de algumas reflexões torturantes, envio-lhe a seguinte solução para a etiologia das psiconeuroses, que ainda aguarda confirmação proveniente das análises individuais. É preciso distinguir quatro fases da vida: Ia (Até 4 anos – Pré-consciente); Ib (Até 8 anos – Infantil); A ( - ); II (Até 14 anos – Pré-púbere); B ( - ); III (Até X – Maturidade). A e B (de aproximadamente 8 a 10 e 13 a 17 anos) são as fases de transição, durante as quais ocorre o recalçamento, na maioria das vezes. A evocação, em época posterior, de uma lembrança sexual de época anterior produz um *excesso de sexualidade* na psique, que atua como inibidor do pensamento e confere à lembrança e a suas conseqüências um caráter obsessivo — impossibilidade de inibição. (...).

É de grande interesse para mim o fato de você se sentir tão afetado por minha atitude ainda negativa quanto a sua interpretação do sinistrismo. Tentarei ser objetivo, pois sei quanto isso é difícil. A mim me parece que é assim: abracei literalmente sua ênfase na bissexualidade e considero essa sua ideia a mais significativa para minha matéria desde a da “defesa”. Se eu tivesse má vontade por motivos pessoais, por ser eu mesmo parcialmente neurótico, essa má vontade certamente ter-se-ia voltado contra a bissexualidade, a qual, afinal de contas, responsabilizamos pela tendência ao recalçamento. (FREUD, 1986, p. 188 e 293, grifos do autor)

### **Considerações Finais**

A partir das análises realizadas, é possível sustentar que as cartas privadas de Freud (enquanto uma cena genérica e uma produção do espaço associado desse autor) funcionam como um embreante paratópico. A troca de cartas privadas engendradas pelo autor ancora uma prática discursiva que busca legitimar seu posicionamento psicanalítico, sua identidade criadora e suas produções dos espaços canônico e associado, no interior do campo científico europeu do final do século XIX e início do século XX. É possível, assim, perceber, nessa troca de cartas privadas, o texto como forma de gestão do seu contexto.

Com as análises da constituição da paratopia, em especial, percebemos que estas cartas privadas só existem e só puderam ser produzidas a partir de condições de produções específicas que necessitam sempre de uma relação e uma negociação (difícil) do autor com o espaço científico e com a sociedade nos quais pretende se inscrever. É, pois, também por meio destas cartas privadas, que Freud gere sua paratopia.

Essas cartas privadas funcionam, assim, como embreantes paratópicos, pois estão para além da ideia de carta íntima. Essas cartas privadas de Freud funcionam como um embreante paratópico na medida que instauram um posicionamento e gerem a relação entre os integrantes da comunidade discursiva. Nesse sentido, tais cartas privadas não se restringem, exclusivamente, a suas rotinas genéricas, pois, ao mesmo tempo em que Freud fala de si, ele fala também do seu posicionamento discursivo.

Masson (1986), compilador das cartas privadas de Freud, corrobora com minha hipótese de que as cartas privadas (enquanto uma cena genérica, uma produção do espaço associado e uma prática discursiva) de autores consagrados dos discursos constituintes funcionam como um embreante paratópico, constituindo e legitimando as

identidades criadoras e as obras canônicas e associadas dos autores, como Freud nesse caso específico. Masson (1986) afirma o seguinte:

É provável que as cartas de Sigmund Freud a seu amigo mais íntimo, Wilhelm Fliess, constituam, isoladamente, o mais importante conjunto de documentos da história da psicanálise. Sem que jamais houvesse intenção de publicá-las, as cartas vão de 1887 a 1904, período que abarca o nascimento e desenvolvimento da psicanálise. Durante os dezessete anos da correspondência, Freud escreveu algumas de suas obras mais revolucionárias: *Estudos sobre a Histeria*, *A Interpretação dos Sonhos*, “A Etiologia da Histeria” e o famoso caso clínico de Dora. (...). É raro o criador de um campo totalmente novo do conhecimento humano revelar, tão abertamente e com tantos detalhes, os processos de pensamento que conduziram a suas descobertas. Nenhum dos escritos posteriores tem o imediatismo e o impacto dessas primeiras cartas, nem tampouco revela tão dramaticamente os pensamentos mais profundos de Freud em pleno ato da criação. Aqui vemos Freud esboçar e aperfeiçoar suas teorias, sentir a rejeição dos colegas de ciência e vivenciar seu isolamento profissional. (MASSON, 1986, p. I)

Portanto, se essas cartas privadas de Freud fossem apenas do tipo pessoal, um gênero próximo do conversacional, não poderíamos analisá-las pela perspectiva do funcionamento da autoria, pois haveria apenas a instância da *pessoa*. Essas cartas privadas são trocadas por um autor consagrado do campo científico europeu e, sendo assim, instituem um posicionamento específico no interior do campo discursivo. Trata-se de um gênero do discurso institucionalizado e de uma produção do espaço associado de Freud, em que se pode perceber: i) a manifestação das três instâncias constitutivas do funcionamento da autoria: a *pessoa*, o *escritor* e o *inscritor*; ii) a constituição da paratopia do autor em questão; e iii) as cenografias construídas no/pelo texto.

## REFERÊNCIAS

DUCROT, Oswald. *Princípios de Semântica Linguística (dizer e não dizer)*. São Paulo: Editora Cultrix, 1972.

GENETTE, Gérard. *Seuils*. Paris, Seuil, 1987.

MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas de enunciação*. Orgs. Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva e Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e análise do discurso*. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. 2ªed. São Paulo: Contexto, 2012.

MASSON, Jeffrey Moussaieff. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess — 1887-1904* / Jeffrey Moussaieff Masson; tradução de Vera Ribeiro. — Rio de Janeiro: Imago, 1986.

SÊNECA, Lucio Anneo. *Cartas a Lucílio*. Lisboa: Fund. Calveste Gulbenkian, 2004.

SOUSA JÚNIOR, Manuel José Veronez de. A carta privada de autores consagrados do campo literário: uma abordagem da cena genérica como embreante paratópico - Uberlândia. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.te.2018.627>.

VERONEZ, Manuel. A cena genérica como embreante paratópico: contribuições epistemológicas para a Análise do Discurso. *Polifonia: Estudos da Linguagem*. v. 26, n. 43. Cuiabá, 2019. Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/7981>.

---

Recebido em: 17/04/2020

Aceito em: 13/06/2020